

# Ezra Pound e os trovadores: conhecimento objetivo e/ou mito poético?<sup>1</sup>

Pierre Bec  
Universidade de Poitiers

**I**nicialmente, devo confessar que me sinto, ao mesmo tempo, honrado e um pouco constrangido, pelo convite amável que me foi feito, para participar deste colóquio sobre Ezra Pound. Honrado, pela presença, aqui, de eminentes especialistas, mas constrangido, primeiramente, porque não sou anglicista, e minha abordagem do poeta é feita, principalmente, a partir de uma tradução (o que condeno como filólogo e como poeta), de duas obras fundamentais de Pound, cada uma no seu gênero: *Espírito das literaturas românicas* e os *Cantos*; em segundo lugar, porque só descobri o poeta muito recentemente, na ocasião, precisamente, deste convite; enfim, porque – devo mesmo dizê-lo – a

---

<sup>1</sup> A idéia de traduzir este artigo, que encontra-se publicado em *Ezra Pound et les troubadours*. Colloque de Brantôme en Périgord, 1995, textes reunis par Philip Grover, Éditions Fédérop, Gardonne, 1995, partiu da primeira leitura que fiz e encontra-se nas Atas de um colóquio, que se realizou na cidade de Brantôme, na região do Périgord, na França, em 1995. Pierre Bec é um dos maiores especialistas em literatura *d'oc*, medievalista e filólogo, professor emérito do Centro de Estudos Superiores de Civilização Medieval, da Universidade de Poitiers, sendo seu ponto de vista interessante, pelo fato de tratar-se de um trabalho onde conjugam-se conhecimento profundo da matéria em questão, associado a um senso crítico refinado. Além de filólogo, é também, autor de várias obras em occitano. Entre os seus trabalhos sobre os trovadores encontram-se: *Burlesque et obscénité chez les troubadours* (1984), uma antologia da poesia das *trobatritz*, *Chants d' amour des femmes-troubadours* (1995), *La joute poétique* (2000), *Florilèges en mineur. Les jongleurs et les troubadours mal connus* (2004), *Le comte de Poitiers, premier troubadour. A l'aube d'un verbe et d'une érotique* (2004), para citar apenas as obras mais recentes (Nota da tradutora).

poesia de Pound, no seu conjunto, parece-me bastante afastada de minha poética pessoal e, o que é mais importante no quadro desta exposição, da poesia dos trovadores.

Na realidade, minha abordagem será, portanto, bastante diferente, da de meus colegas; e deverão desculpar-me, se faço aqui, algumas vezes, o papel de advogado do diabo. Com efeito, é preciso dizer que raros são os romanistas e “especialistas” dos trovadores, que estão interessados por nosso poeta, e que é, geralmente, – e este colóquio o prova uma vez mais – o contrário do que acontece. Todavia, há duas exceções, entre outras, que me permito citar: primeiramente, o estudo do romanista americano Stephen G. Nichols, publicado no segundo volume dos *Cahiers de l'Herne* (1965), dois dos quais foram dedicados a Ezra Pound; em seguida, o artigo de Jean Mouzat, publicado em um antigo número da revista occitana *Oc* (nº 4, hiver 1971) e intitulado (eu traduzo): “Ezra Pound, o Arnaut Daniel da América”. Trata-se de uma breve leitura crítica, do ponto de vista occitano, da obra de Ezra Pound: leitura, particularmente, interessante, tendo em vista que Jean Mouzat era, por sua vez, anglicista, poeta e especialista dos trovadores (ele nos legou uma belíssima edição das poesias de Gaucelm Faidit). É uma leitura breve e sem pretensão, porém, pertinente, na qual, os pontos de vista e os julgamentos coincidem muito com os meus. Remarquemos, de passagem, que se o poeta occitano tratava Pound de “Arnaud Daniel da América”, o crítico americano, por sua vez, apresentava Pound parafraseando um começo de vida trovadoresca: *Lo Pounds si fo d'America...*

Antes de tudo, é preciso reconhecer, honestamente, que o poeta americano participou amplamente da redescoberta dos trovadores nascidos em Excideuil, Ribérac ou Mareuil, e certos autores se interessaram pelos trovadores ali nascidos, após o terem lido, voltando-se, paradoxalmente, para a América ... Ezra Pound os tornou conhecidos e amados, de maneira sempre subjetiva, é claro – mas, definitivamente eficaz – por três caminhos diferentes: o do filólogo, o do viajante que dá o seu testemunho, e o do poeta. E são esses caminhos que nós tentaremos, brevemente, abordar.

Desde cedo, Ezra Pound manifestou dons reais para a filologia, e pode-se supor que, se o demônio da poesia não o tivesse arrebatado, ele teria se tornado, efetivamente, um bom filólogo, para infelicidade da poesia. Por outro lado, ele o sabia, e o desprezo que ele mais tarde demonstrará pela filologia (em nome da poesia e da vida) é, antes, uma

provocação ou justificativa pessoal, do que uma opinião sinceramente motivada. Com efeito, Ezra Pound demonstra, bem cedo, uma grande maturidade cultural, e uma larga abertura para as línguas e as literaturas estrangeiras, principalmente, as românicas. Latinista distinguido, estudante na Universidade de Filadélfia, discípulo do romanista William P. Shepard, bom conhecedor dos trovadores, Pound publica em 1910, com a idade de 25 anos, o seu *Espírito das literaturas românicas*, onde aborda, conjuntamente, a literatura francesa medieval, a literatura italiana (principalmente Dante), as literaturas espanhola e portuguesa, e enfim, os trovadores, particularmente, Arnaut Daniel, ao qual ele dedica um verdadeiro culto. Trata-se aqui, certamente, de uma obra de juventude, partidária, seletiva, que contém julgamentos mordazes. O futuro grande poeta não diz quase nada, por exemplo, sobre Chrétien de Troyes, conclui um pouco rapidamente sobre os *Lais* de Marie de France, se aborrece com o *Roman de la Rose* (o que se pode compreender), prefere o *Poema de Mio Cid* à *Chanson de Roland* (o que é um direito seu), mas nos traz, paralelamente, julgamentos bastante pertinentes, vindos de fora, sobre nossa “epopéia nacional” e sobre o alarido da francomania da época.

Para os trovadores, Ezra Pound é, não somente um excelente divulgador, mas também, um filólogo precursor. Em 1910, efetivamente, nenhuma das grandes obras que hoje servem como referência, haviam surgido; que se julguem: a edição crítica de Bernard de Ventadour, de Karl Apppel, é de 1915, o *Supplement-Wörterbuch* de Emil Levy, de 1929, a *Bibliographie des Troubadours* de Pillet-Carstens, de 1933, enfim, o livro fundamental de Alfred Jeanroy *La Poésie lyrique des troubadours*, de 1934, etc. Em suma, a única edição do trovador preferido de Pound, Arnaut Daniel, era a de Canello, de 1883 (a de Lavaud sairia escassamente, e eu me permito precisar que houve pelo menos três outras depois dela).

Nosso aspirante a filólogo teve, então, um grande mérito e eu poderia comparar sua tentativa à de outro americano – ou antes, americana – Meg Bogin, que, no seu livro, escrito em tenra idade, *The Women-Troubadours* (1976), traduzido para o francês, no mesmo ano (*Les Femmes-Troubadours*), revelava ao grande público, depois da velha edição de Schultz-Gora (1888), a existência de mulheres trovadoras. Obra um pouco fraca, inexperiente, e suplementar, assim como o *Spirit of Romance*, traduzido por alguém que não era manifestamente medievista.

Mas, a antologia comentada da jovem americana, embora fosse filologicamente contestável e exalasse um pouco da ideologia feminista

do tempo, reparava, entretanto, uma injustiça, abrindo um caminho, logo seguido por outros, na América e na Europa, e primeiramente, por mim.

Retornando, porém, ao Ezra Pound filólogo, digamos que ele se sentia muito mais profundamente poeta. Falamos acima do desprezo que ele simulava professar a respeito dos filólogos, e poder-se-ia dizer uma palavra sobre os ataques que, aqui e ali, ele lhes lançava. Nosso poeta não parece ter visto, no seu sectarismo de juventude, que os poetas e os humanistas, que ele tanto admirava (Dante, Petrarca, Boccaccio, Bembo, etc.) eram também eruditos e filólogos. Mas, pode-se compreender, facilmente, sua suspeita sobre uma abordagem muito “filológica”, dos textos poéticos, mesmo dos anteriores, que fosse puramente erudita, fria, exterior e **atomizante**, e que não levasse em conta – o que é para Pound o essencial – sua pulsão e suas vibrações íntimas.

De fato, o *Espírito das literaturas românicas* não é uma obra de filologia *stricto sensu*, mas sobretudo uma abertura estética, aos olhos de um americano, do começo do século XX, sobre uma romanidade cultural, exógena e fascinante, na qual ele percebe, confusamente, o encanto, mas sem ver nela os contornos abruptos. Romanidade, sem dúvida, mais sonhada que vivida, erudição transformada em experiência de vida, prevalecendo nela os trovadores, espécie de paisagem poética interiorizada, que se tornará mais tarde, na maturidade, uma reserva de reminiscências consoladoras ou, algumas vezes, fulgurações de nostalgia ...

Visto que, do *stricto* ponto de vista filológico, sua abordagem dos trovadores não é sempre sem imperfeição e, como disse acima, que eu seria o advogado do diabo, vocês me permitirão um breve instante, para ir até o fim, com minhas críticas. Para começar, a obra que prefere se restringir a citar textos do que arrolar observações críticas, paradoxalmente, não fornece, jamais, as suas fontes.

De outra parte, trata-se de um *corpus* muito seletivo, essencialmente fixado sobre os trovadores de Dante (Bertran de Born, Giraut de Bornelh, Aymeric de Pegulhan, Aymeric de Belenoi, Sordel, Folquet de Marseille e sobretudo, já o dissemos, Arnaut Daniel, ao qual Ezra Pound consagra um capítulo inteiro, e que representa, na sua visão, “a perfeição do canto provençal”). Poder-se-ia estar de acordo, mas assim privilegiado, o poeta de Ribérac se encontra isolado do conjunto da produção trovadoresca, onde não se vê a “perfeição” senão no *trobar clus* ou *ric* (curiosamente chamado *trover ris* em francês, denominação que não existe!). E, neste caso, porque esse julgamento pejorativo sobre a célebre sextina, criação

de Arnaut, qualificada não se sabe bem porque de “conto”), esta sextina admirada e imitada, um pouco, por todo o mundo, e que é um modelo de elaboração formal e poética (do qual pode-se não gostar, certamente)? E, quando Petrarca rotula Arnaut Daniel de *gran maestro d’amore*, não se trata de amor propriamente dito, como parece crer Ezra Pound, mas também e sobretudo, de técnica poética: em suma, do trovar no conjunto de suas manifestações (lembro sobre esta matéria as famosas *Leys d’Amor*, que são, antes de tudo, um tratado de gramática e de poética e não têm muito a ver com o erótico).

Quanto aos outros trovadores, Ezra Pound cita, certamente, alguns: Guilhem de Peitieu, Marcabru, Jaufre Rudel, Peire d’Alvernhe, Peire Vidal, Raimbaut d’Aurenga (outro adepto do hermetismo poético), Bernard de Ventadour, etc. Desse último, um dos grandes poetas líricos de todos os tempos, ele cita, praticamente, (e sem admiração excessiva) e traduz, apenas, a canção do *alouette*. De Guilhem de Peitieu, ele se contenta em dizer que ele era “mais célebre por suas proezas que pelos oito (ele nos deixa onze) poemas que ele nos deixou”. Enfim, com os gêneros menores, ou mais popularizantes, como a alba e a balada, o poeta americano é levemente desdenhoso, mesmo quando cita e traduz a célebre alba de Giraut de Bornelh (“*Reis Glorios*”...), precisando bem, e com razão, que o poema (sem a música) mostra apenas a metade da obra. Mas, que quer dizer, a propósito da balada da *Reine d’avril*, o seguinte comentário: “balada cantada e dançada, com a condição, é claro, de que nós tenhamos a mania folclórica”? Evidentemente, nosso jovem erudito demonstra, aqui, falta de cultura e de senso histórico, ou antes, manifesta um apriorismo cultural discutível.

Enfim, a antologia termina de maneira um pouco inesperada com uma alba (para dizer a verdade, pouco conhecida, e que não é a única), de Joan Autpol, uma *canço* de Peire de Corbiac, antes de passar, curiosamente, à sua sátira burlesca do monge de Montaudon e de fechar com a pastorela de Marcabru.

Passo, evidentemente, sobre os numerosos erros de detalhes, dos quais a lista poderia ser enfadonha, quer se trate de citações ou nomes de pessoas e de lugares: *Arnaut de Marvoil* (por *Meruolh / Meruelh ou Mareuil*, em francês), *Giraut de Berneil* (constantemente) por *Borneil*, *Gomez Manrique*, o poeta castelhano, por *Jorge Manrique*, *Aimeric de Bellinoi*, por *Belenoi*, *Ribeirac* (forma occitana) por *Ribérac* (forma francesa), *Blaia* por *Blaye*, *Aultaforte* (curiosa forma italianizada para *Autafort*), etc. Para o primeiro trovador, o prenome é sempre citado em

francês (Guillaume), mas para Peire d'Alvernhe, sempre na sua forma *d'oc* (Peire). Encontra-se, por vezes, uma forma mista *Pieire*, que não existe... Por outro lado, porque designar só com o termo italiano *canzone* (no lugar de *canço*) o poema-típico da lírica trovadoresca (a *canzone* dantesca é, pelo menos, cem anos posterior!)? E, a propósito da poesia italiana do *dolce stil nuovo*, o que quer dizer a seguinte frase: (“Eis aqui algumas passagens de uma *canzone* de Guinicelli para ilustrar as diferenças de estrutura gramatical entre o toscano e o provençal”).? Nosso poeta confunde, aqui, estrutura lingüística e estilo (de uma escola ou de um autor), assim como mistura, por vezes, as línguas. Quanto a dizer que Arnaut Daniel (sempre ele) repete Safo, isto pode parecer contestável, sobretudo, porque não se diz nada sobre as mulheres trovadoras, na época (entretanto conhecidas desde 1888, através da edição de Schultz-Gora). Tudo isso parece mostrar que a motivação fundamental de Ezra Pound e o centro em torno do qual tudo gira é sim, pelo menos como ponto de partida, Dante e a poesia italiana.

Do *stricto* ponto de vista filológico, o conhecimento trovadoresco do jovem Pound não está, ainda, muito assegurado. Mas ele possui o entusiasmo, a fé, o calor da abordagem, e já, o mito poético em vigor, do americano que, como o amor de Jaufré Rudel, vem de longe. Haverá, em seguida, as viagens da maturidade: essas viagens, no decorrer das quais Pound visitou, por duas vezes, em 1912 e 1919, com uma devoção eloqüente, todos os grandes lugares que não cessou de perseguir, durante toda sua vida, até o momento em que esteve preso na Itália:

Mais mettre ici les routes de France,  
de Cahors, de Chalus,  
l'auberge en bas près du bord de la rivière,  
les peupliers: mettre ici les routes de France  
Aubeterre, la pierre exploitée des carrières au-delà de Poitiers.  
(Canto pisan LXXVI)

Nomes e lugares?

Poitiers e Guilhem d'Aquitaine, Excideuil e Giraut de Bornelh, Mareuil e Arnaut de Meruelh, Hautefort e Bertran de Born, Chalus e Richard Coeur de Lion, enfim, Toulouse, capital de uma nação vencida... Para tudo isto remeto, naturalmente, ao artigo de Philip Grover, *Chronology of the Pound's trip to France* (1976).

Assim, os trovadores não são mais para o poeta um peso morto de informações eruditas: eles fazem, doravante, parte de sua experiência vivida, de sua paisagem interior, integram-se mesmo, ao todo de uma alquimia, que nada mais tem a ver com o conhecimento objetivo, integram-se à sua visão de mundo, e à sua pulsão poética de todos os instantes. Enfim, há o conteúdo, o espírito (*the spirit*) da poesia dos trovadores, indissolivelmente ligado ao refinamento de seu formalismo: o amor puro, o amor refinado, o amor sublimado, o famoso *fin 'amor* trovadoresco, sobre o qual tanto se escreveu. Mas, esta concepção do amor inspirou realmente Ezra Pound?

Para dizer a verdade, o erotismo, ao contrário de um Baudelaire, de quem Pound não gostava muito, não parece ter representado um grande papel, nos seus *Cantos*. No plano da realidade vivida, de resto, sabe-se que ele tinha pouca atração pelas mulheres, com as quais ele podia ser desajeitado e grosseiro, e também, se poderia crer, como o acentua Laurette Veza, “que Pound viveu por muito tempo o amor casto, tal como um trovador praticando o amor à distância, como se a proximidade, o contacto arriscassem obscurecer sua grandeza... Tudo se passa, em definitivo (a propósito de suas eventuais ligações), como se Pound não tivesse jamais sentido desejo, como se ele não tivesse voltado sua atenção, sua energia senão aos problemas do espírito”. Não por moralismo, pois o que ele admira num Ovídio ou num Arnaut Daniel é o paganismo deles; e justamente, pelo fato de que a seu ver, eles não se preocupam com a moral, sendo o fim da arte o de criar o êxtase. E é, por esta contenção catártica do desejo e da linguagem que o exprime – que Pound parece admirar mais naquele que ele nos relembra, desprezando um pouco o sentimento, como dissemos acima – que ele foi denominado por Petrarca “*gran maestro d'amore*” e por Dante “*il miglior fabbro del parlar materno*”): como se a libido se confundisse em Arnaut, a exemplo de muitos outros trovadores, no desejo de incitar, até o extremo, o artefato da língua e as suas possibilidades expressivas.

Mas, a sua visão da Occitânia medieval, ou antes, de uma Provença ideal, bela como uma Grécia sonhada, o empurra a assimilações, que não têm por elas senão a verdade do encantamento que as dita. Que a Provença seja, ou tenha sido grega, pode-se certamente concordar; mas a terra dos trovadores não é só a Provença, e Arnaut Daniel não era provençal. Daí, a comparar a antologia grega à obra dos trovadores, não há senão uma etapa, rapidamente atravessada, num grande ato de fervor.

E, se certas sentenças de Ovídio, repensadas e repassadas pela mentalidade medieval, se encontram, por vezes, na formulação dos poetas occitanos (das quais nos dizem, excessivamente, que teriam sido obra dos superiores dos claustros), não se vê, senão vagamente, como as *Églogas* de Virgílio as teriam inspirado; e como pode vir à idéia – nós já o dissemos – de comparar Arnaut Daniel a Safo de Lesbos! De fato, Ezra Pound é ainda vítima (e não se poderia reprová-lo) dos postulados de seu tempo, e dos filólogos mesmos, para quem a sociedade occitana da Idade Média se reduzia, de fato, à única imagem marcada de uma Provença, prestigiosamente poética e amorosa, e da qual, mesmo a denominação (Provença-Provença ou Provença-Occitânia?) detinha, por sua ambigüidade, todas as confusões e todos os mitos: tanto aqueles dos poetas, os quais são perdoáveis, como os dos filólogos, que o são menos.

E Ezra Pound é, finalmente, um e outro, e eu diria de bom grado, para simplificar, que ele leu os trovadores como filólogo, mas os cita como poeta. Pois, uma vez lidos, ele os interioriza e os integra intimamente, livremente ou intensamente, ao seu material poético. E eis que ressurgem daqui e dali, participando do encantamento poético, às vezes, por uma palavra apenas, citada de memória, ao lado de citações de Dante, de Camões ou de um outro, ideogramas chineses, restos de conversas ou de lembranças culinárias:

un aussi long voyage  
à Bordeaux, à Blaye  
de lonh  
Premier repas merveilleuse soupe française suivie de viande  
bouillie...  
(Canto LXV)

Vê-se, facilmente, o processo. Blaye é Jaufré Rudel e seu amor de longe, e só a menção da cidade desperta, automaticamente, em Pound, uma reminiscência trovadoresca, que se cristaliza em uma só palavra, a palavra-chave do poema rudeliano: *de lohn* (de longe)... Com efeito, se os trovadores estão presentes nos *Cantos*, eles aí estão, não somente pela evocação desses grandes lugares da memória occitana, que não cessam de perseguir o poeta, mas também pelos esquemas formais, pelas condensações poéticas, pelas cristalizações da memória, tomadas de empréstimo da linguagem dos trovadores, e que, doravante, fazem parte integrante de sua memória física, onde ele pontua, com um pouco de negligência e a mercê de sua fantasia, o seu discurso poético. Igualmente,

ele o pontua, no mesmo plano, farsas latinas, italianas, portuguesas, espanholas etc., ou frases da conversação cotidiana, ouvidas aqui ou ali, em todas as línguas que o “filólogo” conhece (salvo o alemão que, em compensação, está praticamente ausente de sua “bagagem” cultural).

Ainda, no meu papel de advogado do diabo, gostaria de terminar com uma questão. Que Pound tenha amado e feito amar os trovadores, isto é incontestável. Mas, além de seu gosto por um certo exotismo, no tempo e no espaço, personificado por um tempo numa grande romanidade cultural, ele os terá compreendido, realmente? Ou, mais exatamente, terão eles exercido uma influência, realmente profunda, sobre a sua poética, além da secundária? Eu não estou tão certo... Parece-me, com efeito, descobrir dois paradoxos no que lhe concerne:

I. Pound não apreciou verdadeiramente nenhum dos poetas franceses (com exceção de Théophile Gautier, ao qual ele consagra um estudo em 1918); aqueles cuja escrita poética poderia lembrar de perto ou de longe a dos trovadores: Mallarmé, Hérédia, Charles Cros, Joe Bousquet, e sobretudo, Paul Valéry, de quem ele não gostava muito. Em compensação, ele aprecia Jules Lafforgue, Tristan Corbière, e outros, que não lhe legaram, sem dúvida, grande coisa.

II. Sua própria escrita é, finalmente, oposta à dos trovadores, pois, que há de comum entre – de um lado, a controvérsia verbal dos poetas occitanos, a densidade da língua deles, a economia lexical de seus versos (os termos-chaves que perpassam sua escrita são condensações poéticas mais ou menos impostas, onde a recepção repousa sobre uma arte conivente), em uma palavra, a *mesura* deles – e de outro lado, o dilúvio, ou mesmo o delírio verbal, a fluência ininterrupta, o escoamento, a hemorragia, a explosão, para retomar expressões de Laurette Veza, de um Ezra Pound?

Contudo, a grandeza de seu lirismo está, sem dúvida, aí: de ter sabido combinar, numa grande torrente verbal, intimamente misturadas, a imediatice da sensação, as pulsões do inconsciente, e imagens primordiais, com uma verdadeira arqueologia da cultura, da qual os trovadores foram, sem dúvida, um dos elementos preponderantes. Poesia estranha, desconcertante, por vezes, e que pode-se não amar, mas, que não poderia passar indiferente, e que soube criar, de toda maneira, aqui e lá, correntes impetuosas. Aí estão a sua força e a sua beleza. E todo o resto é literatura ...

Tradução: Viviane Cunha  
Universidade Federal de Minas Gerais